

**Universidades Lusíada**

Marques, João

**Não me estraguem o papel de esquisso**

<http://hdl.handle.net/11067/4816>

**Metadados**

|                           |          |
|---------------------------|----------|
| <b>Data de Publicação</b> | 1998     |
| <b>Tipo</b>               | bookPart |

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T20:03:27Z com  
informação proveniente do Repositório



Fig.1

## NÃO ME ESTRAGUEM O PAPEL DE ESQUISSO

**JOÃO MARQUES**

**A** velocidade é a criadora de objectos puros, é, em si mesma, um objecto puro, porque apaga o solo e as referências territoriais, porque torna a subir o curso do tempo para o anular, porque vai mais depressa do que a sua própria causa, e inverte o seu curso para a aniquilar. A velocidade é o triunfo do efeito sobre a causa, o triunfo do instantâneo sobre o tempo como profundidade, o triunfo da superfície e da objectualidade pura sobre a profundidade do desejo. A velocidade cria um espaço iniciático que pode implicar a morte, e cuja única regra é apagar rastros. Triunfo do esquecimento sobre a memória, embriaguez inculta, amnésica. Superficialidade e reversibilidade de um objecto puro na geometria pura do deserto.<sup>1</sup>

Jean Baudrillard

Entenda-se o universo como um processo e não como um modelo.

Entenda-se o desenho como um eco e não como um grito.

O desenho assim entendido revela-se numa dimensão *íntima*, reflexão que nos desmultiplica, que espelha o entendimento que temos das coisas e atinge fundo a razão, pela consciência.

<sup>1</sup> Baudrillard, Jean, *América*, trad. portuguesa de Tereza Coelho, s.l., ed. João Azevedo, 1989, p.14.



Fig.2

O apontamento, registo veloz, falado, escrito, modelado ou desenhado, converte-se num testemunho de conhecimento.

Seja representação de uma realidade percebida, seja especulação sobre uma acção possível, este registo transporta consigo, inexoravelmente, uma verdade - a da intenção que o originou (seja esta um facto ou nem por isso, seja uma forte convicção ou uma grande dúvida). Código molecular de ADN. A estrutura de pensamento que o guia ganha forma no acto de comunicar. Mas o pensamento é fluido, acontece num espaço e tempo não lineares, e fixar uma forma em movimento é asfixiar um processo em evolução. O registo, num sentido lato (desenho, modelo tridimensional, escrita), constitui-se então como fotograma ou *frame* de um movimento permanente, complexo, em rede, composto de avanços, derivações, recuos, opções, decisões. A eficácia do registo mede-se pela velocidade da mente, pela qualidade da comunicação. Adivinha-se no desenho a violência entre a mente e a mão. Na vitalidade de um desenho, no manejamento do lápis ou da caneta, existe sempre um certo tipo de violência. Como observa José M. de la Puente, *"com frequência, o tipo de demagogia com que os arquitectos descrevem a sua própria obra aproxima-se, mais que à perversão, a certas manifestações de paranóia, um caso de psicósis bem estudado, e não guarda, há que dizê-lo, nenhum vínculo plausível com o representado graficamente."*<sup>1</sup> Esta disparidade entre a descrição verbal e representação gráfica acontece, *"em primeiro lugar, porque o desenho supõe o esforço extremo da capacidade de representação, ao submeter todo o conteúdo representativo, de origem fundamentalmente tridimensional, à coerção de um âmbito bidimensional estrito."*<sup>2</sup> Nalgumas condições patológicas, em que se verifica um *aplanamento* do espaço mental, verifica-se que não há lugar para as emoções nem para os sentimentos. O volume tridimensional surge, assim, como condição do espaço para sentir e para pensar. Num esquisso, *à mão levantada*, joga-se a verdade de uma ideia, a emoção de

<sup>1</sup> De La Puente, José Maria, «El Dibujo y el Deseo. Aspectos Psicoanalíticos en la actividad gráfica del arquitecto», revista *EGA*, Valladolid: 1994

<sup>2</sup> *ibidem*



Fig.3

uma descoberta, a instabilidade de uma dúvida. Confrontam-se valores na expressão de um entendimento ou na aferição de uma hipótese. Tratamos de *qualidades*, e duma incontornável exigência de rigor. O rigor na expressão. Esta referência ao rigor conduz-nos de imediato à preconceituosa relação estabelecida com os desenhos em que o projecto se concretiza, conjunto de elementos descritivos, que integram como código a normativa da representação técnica em arquitectura. Da natureza da informação que veiculam, da sua missão na definição da obra, das *quantidades* que a sua materialização implica, da abstracção a que a projecção ortogonal remete, inferimos características próprias que tendem a uma cristalização das soluções e um acto marcadamente comunicacional. De execução maquinal, fria, a régua e esquadro ou sistema informático, estes desenhos encerram um ciclo, o da prefiguração, e na sua exactidão geométrica proclamam-se rigorosos. Sendo que a eficácia destes desenhos está no modo como apresentam a informação, do autor do projecto para o executor da obra (já que nesta arte não é o autor quem a executa), compreende-se facilmente que a sua dimensão comunicacional está definitivamente comprometida com questões de ordem expressiva e de leitura. Mas não só. A *verdade* de um projecto de arquitectura radica na construção e afirmação de uma identidade particular, na marcação de um lugar. Essa condição determina que a normativa de uma linguagem técnica é apenas o ponto de partida para uma representação do projecto onde respire essa identidade.

#### O rigor na expressão e a expressão no rigor.

O esboço é aproximação. O desenho representação.

O esboço pode ser escrita, pode ser som, desenho ou gesto. É movimento. E se o detivermos? Se, olhando o esboço, congelarmos uma imagem?

Jacques Lacan, reconhecido estudioso na área da psicanálise, refere-se ao *gesto* como algo que se interrompe, que fica em

Fig.4



suspenso.<sup>1</sup> O *gesto* possui uma temporalidade muito particular que Lacan define com o termo *detenção*, e cria atrás de si a sua significação. Assim distingue o *gesto* do *acto*. Lacan dá como exemplo o ballet da Ópera de Pequim, onde os combates são representados muito mais com gestos do que com golpes. E na *detenção* se enlaçam fatalmente *gesto* actor e *olhar* espectador. Este olhar, terminal, que conclui um gesto, surge em estrita relação com o designado como mal do olho.

*O olhar em si não só termina o gesto como o petrifica. Reparem nessas danças de que lhes falava, estão sempre pontuadas por uma série de tempos de detenção em que os actores se detêm numa atitude bloqueada. (...) Isto não é outra coisa senão o efeito de fascínio...*<sup>2</sup>

*O mal do olho é o fascinum, é o que tem como efeito deter o movimento e literalmente matar a vida. (...) esta é precisamente uma das dimensões onde se exerce directamente a potência do olhar.*<sup>3</sup>

Quantas vezes arriscamos congelar a vitalidade de um esquisso na hipnose de um olhar. Quantas vezes se sacrifica a profundidade de um projecto, elaboração complexa, pela beleza de uma imagem, pela *perfeição* da sua falsidade.

Velocidade - *triunfo do efeito sobre a causa* (...) *triunfo da superfície e da objectualidade pura sobre a profundidade do desejo*, como afirma Baudrillard.

O fim do processo não se alcança ao fixar uma imagem, mas ao estabilizar uma ideia.

<sup>1</sup> Lacan, Jacques, *Los Cuatro Conceptos Fundamentales de la Psicoanalisis*.

<sup>2</sup> *ibidem*

<sup>3</sup> *ibidem*



Fig.5

O esboço é registo, é simulação, é aproximação - ponto na linha de um pensamento. E é verbo, escrita, som, sugestão. Fotografia e não fotogenia. É instrumento.

É processo e não modelo.

Não me estraguem o papel de esboço!

Abril de 1998

#### Índice de figuras:

Fig.1 - Siza Vieira, *Ponte Sant'Angelo*, Roma, Setembro de 1980. (Desenho extraído de *Lotus Internacional*, nº 68, Milão: Electa) O desenho veloz - contracção de um instante na continuidade de um movimento (ou pensamento) que o sustém. A angústia da fluidez num mapa da percepção.

Fig.2 - Siza Vieira, *Estaleiros de Coloane*, Macau, Agosto de 1982. (Desenho extraído de *Lotus Internacional*, nº 68, Milão: Electa)

O desenho íntimo - testemunho e testemunha do nosso conhecimento, da nossa vulnerabilidade.

Fig.3 - *Estaleiros de Coloane*, Macau, Outubro de 1994. (foto do autor)

Fig. 4 - J. L. Carrilho da Graça, *Esboço de Alçado da C.G.D. da Anadia*, 1985. (Desenho extraído de *Arquitectura Portuguesa*, nº 6, Lisboa, 1986)

Esboço. Sistema de relações em equilíbrio tenso. Uma *estratégia* prestes a estabelecer-se no campo de batalha. Abstracção onde a *imagem* é meramente resultado de um confronto.

Fig.5 - Agência da C.G.D. da Anadia, Agosto de 1989. (foto do autor).